



Lúcia Miguel Pereira e as relações entre biografia e história no Brasil

ANDRÉA CAMILA DE FARIA FERNANDES¹

No início do século XX a escrita biográfica teve seus significados e usos redimensionados entre os intelectuais, letrados, empreendedores do mundo dos livros e seus respectivos leitores. No Brasil, a proliferação das biografias associadas ao movimento da biografia renovada, entre os anos de 1930-1940, fez com que alguns teorizassem sobre a emergência da chamada biografia moderna em terras brasileiras. Mas esse processo não configurou apenas uma renovação do biográfico, era também uma renovação da própria história, um novo entendimento e também a busca pela renovação da escrita da história nacional.

Nesse sentido, como aponta Marcia de Almeida Gonçalves, se a história, enquanto conhecimento disciplinar era, por excelência, um instrumento basilar na edificação da identidade nacional, a discussão de como ela deveria ser escrita, e de que sujeitos deveriam protagonizá-la – os indivíduos, os grupos, ou as forças sociais – acabava por cruzar com o debate sobre quem de fato construía ou havia construído a nação. Nesse cruzamento tenso, o lugar do texto biográfico era buscado e, por vezes, entendido como a panacéia que poderia resolver tantos impasses (GONÇALVES, 2009:128).

Entre os autores que estiveram envolvidos com essas questões no Brasil, gostaríamos de destacar o trabalho de Lúcia Miguel Pereira. Autora de uma biografia de Machado de Assis e de uma de Gonçalves Dias, Lúcia Miguel Pereira desenvolveu trabalhos onde buscava “fazer viver” seu biografado, apresentando-os como sujeitos fragmentários através de uma construção narrativa permeada de análises psicologizantes. Para a autora, a biografia era o melhor meio de se fazer história, pois era o único meio capaz de fazer com que os brasileiros se interessassem pelas grandes figuras de sua terra.

Ao escrever *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico* (1936) e *A vida de Gonçalves Dias* (1943) Lúcia Miguel Pereira não buscava, apenas, publicar mais dois escritos

¹ Mestre em História pelo PPGH-UERJ. Bolsista de Treinamento e Capacitação FAPERJ no Núcleo de Estudos sobre Biografia, História, Ensino e Subjetividade – NUBHES, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Marcia de Almeida Gonçalves.

biográficos sobre os dois grandes nomes de nossa literatura. Ela procurava produzir dois estudos sobre esses homens, não estudos de suas obras ou meras biografias laudatórias, mas sim estudos de suas vidas onde suas obras serviriam de janelas para que ela tentasse “descobrir” o homem por trás do autor. Mais do que isso. Entendendo que a biografia era a melhor forma de escrever a história, Lúcia Miguel Pereira fazia a escolha de reunir dois homens que além de dividirem o reconhecimento no cenário das letras nacionais, dividiam a desdita de provirem de origem humilde, a origem mestiça, as enfermidades, procurando com isso criar um elo de identificação entre os biografados e o público leitor.

Nossa preocupação aqui é entender, assim, que características Lucia Miguel Pereira expressa nessas biografias a ponto de estas serem reconhecidas como exemplos da chamada biografia moderna e por que caminhos narrativos ela traçará as semelhanças entre esses dois mestiços que foram reconhecidos ainda em vida como os maiores representantes da nossa literatura, na poesia e no romance e procurar compreender qual era a relação das biografias produzidas pela autora com a compreensão de história nacional.

Em maio de 1935, ao escrever crítica ao livro de André Siegfried², Lúcia Miguel Pereira apontava que o maior prazer proporcionado pela leitura era “a compreensão fácil e pronta do assunto” (PEREIRA, 1992: 17), proclamando que o artifício literário não havia morrido embora fosse cada vez mais comum o emprego da linguagem científica tomada de empréstimo da física, da mecânica, da psicologia ou da medicina. Para ela, a elegância dos requintes clássicos havia sido substituída pela cultura da técnica.

Sua preocupação com a literalidade dos textos se refletia em seu entendimento de qual era o modelo ideal para a escrita da história, por isso ao comentar, também em volume Boletim Ariel, de julho de 1937, a publicação de *Bernardo Pereira de Vasconcellos e seu tempo*, de Octávio Tarquínio de Sousa, Lúcia apontara que o autor havia realizado “uma grande obra, onde se equivalem a verdade histórica e o valor literário – equilíbrio pouco

² No artigo “crise da Europa ou crise do espírito?”, publicado originalmente em maio de 1935 no nº 8 do Boletim Ariel. Este e outros artigos da autora foram recuperados por nós através do volume organizado por Luciana Viegas e intitulado *Lúcia Miguel Pereira. A leitora e seus personagens*, publicado em 1992 pela Graphia Editorial.

comum no gênero, e único capaz de fazer com que os brasileiros se interessem pelas grandes figuras de sua terra” (PEREIRA, 1992: 191).

Com interpretações como essa, Lucia Miguel Pereira buscava na biografia a literalidade que julgava faltar no ensaio histórico e entendia que era sua característica de gênero híbrido, nem romance nem história, que lhe trazia o equilíbrio necessário. E ela estava em consonância com o pensamento de sua época. Como apontava Tristão de Ataíde

Como a biografia é exatamente o gênero literário que faz o traço de união entre o romance e a história – sem ter a realidade fantasista de um, nem a erudição rebarbativa do outro – foi ele talvez o gênero que mais se desenvolveu modernamente, desde que Michelet aproximou a história do romance e Proust o romance da história. (ATAÍDE apud VIANA FILHO, 1945: 24)

Marcia de Almeida Gonçalves, ao recuperar as ponderações de Daniel Madelenat sobre a biografia moderna, aponta que o surgimento deste “modelo” de escrita biográfica, estava associado à crise dos valores do humanismo greco-latino, da religião cristã e do racionalismo e ao desenvolvimento e a difusão das filosofias do inconsciente, das teorias freudianas, das revisões do cientificismo positivista e dos variados modernismos, em especial nas artes. Ainda segundo a autora, é neste momento – início do século XX – que começa a se delimitar a noção da biografia como gênero híbrido, que não é nem história, nem romance, mas que reúne em si as características destes dois e que por isso mesmo é capaz de sensibilizar o leitor (GONÇALVES, 2011).

Essa biografia dita moderna se desenvolve em oposição à biografia clássica, também chamada antiga ou histórica, onde o objetivo principal era a narração e exaltação dos feitos do biografado. O que autores como André Maurois vão postular é um tipo de biografia que busque compreender o homem em sua complexidade, expondo seus feitos e sua obra, mas sem deixar de analisar sua personalidade, apontando suas virtudes, mas sem esquecer seus defeitos e desvios, lançando mão de toda a documentação disponível para tentar compreendê-lo em sua totalidade.

Luiz Viana Filho, assim comparou esses dois tipos de biografia:

(...) enquanto a biografia que chamamos histórica, limita os seus próprios objetivos, visando, principalmente, oferecer-nos o perfil histórico duma individualidade, isto é, a narração dos feitos, que lhe asseguram posição de relevo, e coloca em plano secundário o estudo da alma do biografado, a sua vida íntima, os seus motivos, todo o seu mundo interior, a biografia moderna, sem esquecer os seus deveres para com a verdade, tem horizontes mais largos, pois, encarando o biografado como um todo, estuda e expõe todos os aspectos da sua personalidade. (VIANA FILHO, 1945: 16)

Para Lúcia Miguel Pereira, expor todos os aspectos da personalidade do biografado era busca-lhe o calor da vida, deixar o biografado falar. E era para alcançar esses objetivos que ela valia-se não apenas das técnicas do romance, mas também das influências da psicologia, analisando as fontes que citava, lançando questões ao biografado e ao leitor, de forma a tentar cobrir as lacunas deixadas pelo tempo e pelos documentos.

Citemos então, como exemplo de sua escrita biográfica, uma passagem de sua obra dedicada a Machado de Assis:

Certo de ter, ao lado de indiscutíveis superioridades, taras de que se vexava, e quisera esconder, Machado penetrou na celebridade como num salão cheio de gente pronta a criticar-lhe o traje modesto.

Era ali o seu lugar, ali devia ficar – mas convinha não se mexer muito, para não ostentar o terno coçado, os sapatos cambaios – e para não se mostrar deslumbrado de estar ali.

E ficou num canto, teso, arredio, julgando descobrir em cada olhar o brilho tão temido da zombaria.

(...) Para compreendê-lo, é preciso não esquecer precisamente daquilo que procurou ocultar: da origem obscura, da mulatice, da feiúra, da doença – do seu drama enfim.

Não há impiedade nessa atitude. Ao contrário. Porque essas misérias, que venceu, que sobrepujou, só podem elevar o homem, torná-lo tão grande quanto o artista. (PEREIRA, 1988: 16)

Apresentando assim Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira não procurava diminuí-lo, ao contrário, o que ela fazia era exaltá-lo, mas não ao ponto de colocá-lo em um pedestal, longe do leitor, mas sim o aproximando de seu público pela sensibilidade, pela semelhança,

para fazer com que os leitores se interessassem por ele, por sua obra e por sua história. Humanizando Machado de Assis, Lúcia o identificava aos brasileiros e buscava cumprir a missão que ela mesma havia proclamado à biografia, que era a de fazer com que estes se interessassem pelas grandes figuras de sua terra.

Nas palavras de Marcia Gonçalves, Lúcia Miguel Pereira, como escritora e crítica “sublinhava as interfaces da biografia com a literatura e dessa, por sua vez, com o imaginário nacional” (GONÇALVES, 2009a: 128). Ação esta que, sem dúvida, estava de acordo com o movimento da chamada biografia moderna, que, uma vez “humanizando” seus personagens, serviria de estratégia para a renovação da escrita da história nacional (IDEM). Nesse sentido, seu recurso de retratar dois mestiços admiráveis, como ela havia chamado Machado de Assis e Gonçalves Dias, significava dar aos brasileiros de seu tempo dois exemplos em que se espelhar. Era um olhar para o passado que visava estimular os homens do presente (e também do futuro) a superarem suas adversidades. Era o uso da narrativa biográfica como forma de escrita da história.

Como dissemos, as lacunas deixadas pelos documentos eram preenchidas pelo recurso retórico, pela eloqüente interpretação da obra ou pela indagação psicologizante, como na narrativa final que faz dos últimos momentos de vida de Gonçalves Dias:

Teria o espírito intrépido conservado a lucidez? Teria Gonçalves Dias morrido como desejava como tantas vezes pedira, com o nome de Teófilo e da Amada nos lábios? Não lhes pôde legar o último sorriso, e sua última lágrima, como desejava – mas, se estava em si, legou-lhes certamente o seu último pensamento. Teófilo e Ana Amélia, a amizade e o amor, eram o que de melhor lhe dera a vida. Amado e sofrendo cumprira o seu destino de homem e de poeta. (PEREIRA, 1943: 381)

Se, por um lado, ao leitor atual suas questões e, principalmente, suas interpretações, às vezes parecem carecer de fundamento e legitimidade, por outro, elas representam o uso das técnicas do romance para cobrir os espaços deixados pelo silêncio do passado e/ou pela falta do recurso documental. Elas representam assim, um recurso narrativo para “dar vida” ao biografado, estabelecendo suas obras nos moldes previstos pela biografia moderna, mas,

sobretudo, transformando-as em uma forma de criação já que, segundo a autora, a pesquisa não bastava,

sem sensibilidade para poder se pôr no lugar dos homens do passado, para compreender-lhes a situação, sem espírito de crítica e de síntese para apreender o sentido dos acontecimentos, o ensaio histórico não passará de relatório. Afinal, escrever história, e sobretudo escrevê-la em forma de biografia, pondo em primeiro plano um homem, é uma forma de criação. (...) Se o biógrafo não sofrer, no espírito de quem o estuda, essa verdadeira gestação espiritual, não viverá no livro. As suas ações serão anotadas, mas ele estará ausente. A biografia, ainda quando não tiver nada de romanceada, tem muitos pontos de contatos com o romance. (PEREIRA, 1992: 189)

Mas é importante destacar que ao aproximar a biografia do romance, Lúcia Miguel Pereira não estava querendo afastá-la da história, ao contrário, buscava alicerçar a biografia nos mesmos pressupostos de verdade exigidos do ensaio histórico, livrando-a apenas do discurso rebarbativo de que falara Tristão de Ataíde. Aliás, os próprios precursores dessa nova biografia – Strachey, Maurois e Ludwing – não pretendiam afastar a biografia da verdade histórica, apenas transformá-la numa forma de arte, de criação e não numa ciência, até porque não consideravam a própria história como uma ciência. Nesse sentido, o próprio Lytton Strachey havia afirmado:

É evidente que a história não é uma ciência. É evidente que a história não é o acúmulo de fatos, mas a sua descrição. E os fatos que se referem ao passado, se são reunidos sem arte, são compilações, e as compilações, sem nenhuma dúvida, podem ser úteis, mas não serão história, do mesmo modo que manteiga, ovos, sal e salsa, não são uma omelete. (STACHEY apud VIANA FILHO, 1945: 22-23)

Nesse sentido, para Luiz Viana Filho a dita biografia moderna tomou de empréstimo ao romance apenas aqueles elementos que, longe de serem lhe exclusivos, cabem a qualquer gênero: a graça, a leveza, a elegância, a maneira de apresentar o assunto, atraindo a atenção do leitor para o desdobramento da narrativa (VIANA FILHO, 1945: 20), justamente aquelas

características que Lúcia defendia ao cobrar a literalidade dos textos tão marcados pela cultura técnica.

Assumindo essas características a biografia seria capaz de despertar o interesse do grande público para a história, tornando fluída a narrativa e sensibilizando o leitor. Lúcia Miguel Pereira, como crítica e biógrafa, sublinhava essa importância, afirmando que era justamente por criar laços sentimentais com o público que a biografia era o melhor meio de se escrever a história (PEREIRA, 1992: 190) e traçava assim a relação da história com a biografia e desta com o romance, formando uma tríade que no seu entender era fundamental para produzir o discurso capaz de seduzir o leitor. Escrevendo biografias romanceadas, trazia o passado para o presente e escolhendo com cuidado seus biografados buscava uma nova história nacional, uma nova identidade, onde história e romance se cruzavam para exaltar o que ela entendia por *brasileiro*.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Alexandre de Sá. 2010; A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. In: *Dimensões*, vol. 24, p. 157-172.

AVELAR, Alexandre de Sá. 2011; Figurações da escrita biográfica. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun.

BOURDIEU, Pierre. 1996; A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV.

CORRESPONDENCIA ativa de Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v.84, 1964. (impressão de 1971).

CORRESPONDENCIA passiva de Gonçalves Dias. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v.91, 1971.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. 2009a; *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Otávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. 2009b; Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. GRINBERG, Keila ; SALLES, Ricardo (Org). In: _____. *O Brasil imperial 1831-1889*. v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. 2009c; Mestiço, pobre, nevrozata: biografia e modernidade no Machado de Assis de Lúcia Miguel Pereira. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org). *Memória e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. 2011a; Em tempos de epidemia biográfica: Octávio Tarquínio de Sousa e sua busca por homens históricos. In: *Estudos de Historiografia Brasileira* / Organizadora Lucia Maria Bastos Pereira das Neves et al. Rio de Janeiro: Editora FGV.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. 2011b; Aprender com outro? Lições do mundo histórico nas biografias de Octávio Tarquínio de Sousa. In: *Aprender com a história?: o passado e o futuro de uma questão* / Organizadores: Fernando Nicolazzi, Helena Miranda Mollo, Valdeci Lopes de Araújo. Rio de Janeiro: Editora FGV.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. 2011c; História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 119-135, jan.-jun.

LEJEUNE, Philippe. 2008; *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

LEVI, Giovanni. 1996; Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV.

LEVILLAIN, Philippe. 1996; Os protagonistas: da biografia. In: RENE, Rémond (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ.

MADELÉNAT, Daniel. 1984; *La biographie*. Paris: PUF, 1984.

PEREIRA, Lúcia Miguel. 1988; *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico*. S.l.: Círculo Literário Brasileiro.

PEREIRA, Lúcia Miguel. 1943; *A vida de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: José Olympio.

PEREIRA, Lúcia Miguel. 1992; *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943), e em livros* / Lúcia Miguel Pereira; prefácio, Bernardo de Mendonça; pesquisa bibliográfica, seleção e notas, Luciana Viegas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial.

ROJAS, Aguirre. 2000; La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

VIANA FILHO, Luiz. 1945; *A verdade na biografia*. Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia: Ed. Civilização Brasileira.

WERNECK, Maria Helena. 2008; *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

WERNECK, Maria Helena. Lúcia Miguel Pereira e a tradição da biografia no Brasil. *Revista SemeaR* 9. Disponível em: <http://www.lettas.puc-rio.br/catedra/revista/9Sem_08.html>
Acesso em: 22 jul. de 2010.